




**Histórias de vida e o Vera**

Uma história sem fim



**Maria Silvia Doria Isnard Carneiro (Silvinha)**

Orientadora (EF nível 1)



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

## **Escola Vera Cruz**

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

## **Histórias de Vida e o Vera**

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

**Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)**

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

**Alexandre Leite (Biblioteca Geral)**

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

**Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)**

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Silvinha começou a trabalhar no Vera em 1979.

Ela se despediu da Escola em 2020.

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

## O começo de uma vida

Quase estudei no Vera. Quando eu era pequenininha, minha mãe chegou a procurar o Vera. Quando eu entrei na escola, entrei com meu irmão maior, mas a gente queria estar no mesmo período e não tinha vaga naquele momento. Então, fui estudar no Mater Dei. Na época, o Vera era ainda na Avenida Brasil. Depois, estudei no Colégio São Domingos, no Logos, e quando entrei na faculdade, em 1979, entrei no Vera. Estava cursando pedagogia, não tinha dado um mês de aula, quando Beth Scatolin, que foi coordenadora da Alvilândia, ligou para mim e falou: “Sil, olha, estamos precisando de auxiliar no Verinha”. Eu fiquei superanimada, acho que já tinha essa referência afetiva com o Vera, no sentido de que quase havia estudado aqui. Sabia que era um projeto potente, inovador, experimental. Falei: “Quero ir!”. Acho que, logo no dia seguinte, vim fazer uma entrevista com Magdalena Jalbut. Logo, comecei a trabalhar como professora auxiliar. Peguei três turmas: uma turma de Jardim 1 e duas turmas de Jardim 2 — atuais G4 e G5. Minha primeira orientadora foi Quinha [Maria Luiza Nazarian Rezende], uma pessoa muito especial, muito querida. Marcou muito meu processo como profissional. Acho que é uma pessoa com quem fui tendo contato ao longo de todo esse tempo, uma pessoa muito querida mesmo!

## Professora e orientadora

Trabalhei sempre com o G5, 1º e 2º ano, sempre na [Unidade] Dona Elisa. Gosto muito do trabalho com essa faixa etária, que envolve alfabetização, aprendizagem da leitura e da escrita, Matemática, os processos investigativos. Sempre gostei de acompanhar os processos de aprendizagem das crianças e tenho boas recordações desse tempo todo.

Lembro-me dos acampamentos, como professora e como orientadora. Quando eu era professora, os acampamentos aconteciam até com a turminha de 1º ano. Eles iam muito novinhos, e era muito gostoso! Começou lá no Carroção. Naquele tempo, ainda tinha o chalé dos meninos, o chalé das meninas. Era aquela quantidade enorme de crianças dormindo juntas! Lembro-me de que quando se estava começando a acordar, era aquele burburinho, um falando aqui, outro ali e, de repente, era aquela coisa enorme! Passei muitas noites sem dormir, cuidando das crianças, mas trago sempre uma memória muito gostosa desse tempo, dessa relação com as crianças, em que a gente ia conquistando uma intimidade muito boa, inclusive na equipe, uma coisa muito gostosa.

Depois desse tempo, assumi a função de orientadora, e, aí, vieram novos desafios. A questão da formação do grupo, da

equipe, o desafio de acompanhar as crianças e as famílias, de dar continuidade à construção do currículo da Escola... Vivi um ciclo de acompanhamento que, por muito tempo, era um ciclo de três anos: eu recebia as crianças no G5 e fazia essa passagem, ou seja, entregava as crianças para o Verão, no final do 2º ano.

Essa possibilidade de viver três anos com as crianças foi muito bacana, porque me possibilitou acompanhar o crescimento das crianças, tanto em relação às aprendizagens como nas relações também. Todo final de 2º ano, como acontece até hoje, a gente tinha esse momento de apresentação de música. Todos os grupos de 2º ano se reuniam num sábado, em que as famílias vinham e as crianças se apresentavam, como um ritual de despedida do Verinha. Era uma das ações de despedida. Tinha a pintura do muro, a visita ao Verão... Esse final de 2º ano era um momento muito importante, de passagem mesmo.

Naquele momento, eu sempre me emocionava muito, porque era um momento que dava para ver como essas crianças estavam crescidas, tão potentes! Esse sempre foi um momento muito marcante para mim. Muito emocionante!

## O projeto como alimento

No Verinha, a gente sempre trabalhou muito com os projetos; de lá para cá, os projetos foram ganhando uma intensidade, uma profundidade cada vez maior. Acho que esse lugar de curiosidade das crianças, e poder acompanhar seus processos investigativos, lhe dá a oportunidade de você alimentar, trazer elementos para o grupo, aquela coisa que se discute e volta. Eu sinto isso cada vez mais potente. Nesse sentido, também cada vez mais a documentação entrou como um movimento importante no acompanhamento desses projetos, de poder olhar onde está a pergunta das crianças, qual a questão essencial desse projeto: "Como isso conversa com minhas intenções de trabalho com as crianças?"; "Como a gente vai desenvolvendo isso?". Por um lado, isso e, por outro, a documentação no sentido de como dar visibilidade a esses projetos para as próprias crianças, para elas poderem se olhar e poderem falar dos caminhos percorridos. E para a comunidade escolar, para as famílias, acho que isso tem sido muito potente!

## O novo mundo da leitura

O Sábado Literário começou muitos anos atrás como uma feira de livros no Pré, o atual 1º ano, quando as crianças vivem

intensamente esse processo de alfabetização e esse lugar de quem aprendeu a ler e está se inserindo nesse mundo letrado. Fazia todo sentido ter essa aproximação da literatura, dos livros. O que começou como uma feira de livros – livros que são bacanas para as crianças, para que elas pudessem estar vinculadas a isso e dar lugar para esses livros – foi ganhando o seguinte contorno: "Não vamos mais comprar os livros, vamos fazer a feira de troca dos livros". Foi um trabalho muito bacana de acompanhar, de as crianças poderem, cada uma, em seus grupos, falar qual é o seu vínculo com a leitura, quais os livros de que mais gosta, por que gosta mais de determinado livro do que de outro, que livros ela traria para compartilhar com o grupo e poder trocar. Foram muito ricas essas conversas. Isso acontecendo nos grupos, os professores se reunindo depois em equipe, em grupo-série, também construindo esse novo formato. Aí, começaram a acontecer as trocas, que têm sido, até onde eu acompanhei, muito ricas, muito bacanas.

Além disso, a gente pensou em que eventos a gente podia trazer para as crianças e para as famílias que fizessem sentido com esse vínculo com a literatura, com a arte. São momentos com escritores, contadores de histórias, atividades ligadas à arte, relacionadas à literatura, música, teatro. O Sábado Literário foi ganhando uma amplitude bem bacana.

## O Vera como espaço de formação

Quando cheguei no Vera, uma coisa que me chamou muita atenção foi o espaço dedicado à formação de professores. Cheguei muito novinha, sem experiência nenhuma, e me via aprendendo uma coisa nova a cada dia. Isso foi muito marcante quando cheguei, e quando vejo esse tempo todo que permaneci na Escola, vejo que esse é um eixo muito importante. Vivi muito isso no lugar de professora e orientadora, de quem pensa a formação da equipe, e acho que é uma coisa muito bacana. Outra coisa que me encantou quando cheguei na Escola foi perceber esse projeto que vem sendo construído coletivamente, que valoriza a questão da diversidade, a cooperação. É um valor importante; todos têm espaço para dar sua contribuição para esse projeto.

Quando olho esse tempo e esse projeto construído a muitas mãos, vejo que eu também fui me constituindo como educadora, porque cheguei muito novinha e sem experiência, e fui me constituindo como educadora, inserida nessa rede. Fico muito feliz de ter participado desse projeto e fico muito feliz de saber que ele também tem um pedacinho, tem um pouquinho de mim nesse projeto.

Fiz algumas formações, um curso longo ligado à inclusão, que era uma questão que me mobilizava muito. E fui atrás de entender um pouco mais e poder me instrumentalizar para poder lidar com esse grande desafio que é a inclusão. Ao longo do tempo, Emilia Ferreiro foi uma grande referência para mim, deu uma virada para esse olhar sobre a alfabetização, para entender que isso é uma construção das crianças, de que tem uma hipótese ali, e essa escrita revela muitas coisas. Fiz o curso com Telma Weisz, na casa dela, eu estava grávida do meu filho, há muito tempo. O tempo inteiro a gente tinha esses encontros, a Délia Lerner, estudando essa questão do lugar de vida.

Já orientadora, cheguei a fazer uma parte do curso de psicopedagogia no Sesc. Não terminei, mas fiz por um período e o tempo inteiro colhendo muitas referências para estudar. Uma pessoa muito importante nesse processo de estudo, de reflexão, foi Cleide Terzi. Ela tinha essa entrada com a equipe, com o grupo de Orientação e Coordenação, trouxe muito alimento para a gente. Foi muito transformador, de repente, a potência de poder ver as coisas com esse outro olhar, com muito mais clareza.

## Inclusão e aprendizado para todos

Na Escola, a gente teve casos de inclusão de diferentes ordens. Sempre foi um desafio poder estudar e me instrumentalizar mais para lidar com isso, pois essa sempre foi uma questão muito desafiadora, tanto como professora quanto como orientadora. Foi preciso, num determinado momento, poder olhar o que essa inclusão mexe comigo como educador, o quanto preciso estar aberta para receber isso, para poder me relacionar com esse aluno, com esse sujeito, sem colocar a síndrome ou a questão dele na frente, interditando essa relação. Como é que cada um tem seu jeito de aprender, e como é que eu construo essa aprendizagem, como é que posso dar suporte para essa aprendizagem? Aprendizagem num sentido amplo, nos conteúdos, nas relações, no estar na escola a partir das necessidades que a gente percebe ali que se colocavam.

Para mim, a grande aprendizagem, o grande ganho com essa questão da inclusão foi pensar na diversidade do grupo. Independentemente de a criança ter uma questão mais específica, temos, no grupo, sujeitos, cada um com seu percurso, seu tempo, sua singularidade, seu modo de aprender. Isso é valioso, precioso.

Apreendi muito com essa questão da singularidade de cada um, de que cada pessoa tem seu percurso, seu tempo de aprendizagem. Um tem uma potência maior aqui, o outro tem uma potência maior ali. Poder olhar para isso me trouxe esse olhar mais flexível. A questão do cuidar da vida esteve sempre muito presente nessa relação com os alunos, com a qual aprendi muito, uma relação em que você acredita. A gente se constitui mãe sendo mãe, a gente se constitui educador sendo educador, no lugar de quem acredita na potência do aluno. Isso é fundamental! Se o professor não acreditar que esse aluno pode, que ele vai crescer, vai aprender, é melhor não estar em sala de aula.

Se quero que o aluno se vincule e se encante, ele vai se encantar primeiro com meu encantamento, com tudo que eu estou estudando, pesquisando, investigando. Sinto que é um lugar de muita responsabilidade e muito prazeroso. Adoro sala de aula. É um contato muito precioso!

## Chega o inesperado

Vinha conversando com a Escola, nos últimos anos, sobre diminuir um pouco minha carga horária, diminuir esse ritmo de trabalho e me preparar mesmo para sair da Escola em 2020.



Quando começou 2020, a gente precisou se recolher em casa... Por um lado, foi uma loucura, nunca imaginei que em meu último ano de trabalho eu iria viver os desafios que vivi em 2020. Poder levar aquela relação da Escola para casa, via computador, foi um grande desafio para todo mundo. E a Escola deu muito suporte para a gente. Me senti muito amparada; a gente precisou inventar muita coisa, fazer de um jeito diferente.

A pandemia pediu para a gente: "Bom, se eu vou ter que me relacionar com os alunos através do computador, de outro jeito, o que vou trazer para esses alunos?". Tem que ser o essencial. E que exercício é esse de perceber o que é essencial na relação com os alunos? Precisávamos manter essa relação de pertencimento a um coletivo, um coletivo potente! Construído de longe, isso não podia se perder. E o desafio tecnológico, claro. Esse foi enorme! Como lido com essas ferramentas todas? E as professoras? Elas, com certeza, lidaram muito melhor do que eu.

Nunca imaginei viver um desafio desse tamanho! Num momento em que eu estava me despedindo da Escola. Nesse sentido, foi difícil pensar que era o último ano, vivendo isso, mas afastada das pessoas queridas, sem poder estar presente, dar um abraço... Fiquei longe de muita gente querida e não pude me despedir do jeito que eu gostaria. Por outro lado, sinto que

carrego em mim todos esses encontros bons, potentes, amorosos que vivi na Escola.

## Extensões da família

Meus filhos estudaram no Vera e sempre foi muito bom. Trabalhei no Vera porque era uma escola em que sempre acreditei; tinha meu coração, meu investimento, tudo no Vera. São dois filhos: Fernando e Mariana. Fernando tem 40 anos; Mari, quase lá também. Agora, como avó, tem sido muito especial, muito! Os filhos de Mariana estudam aqui, uma menina de 4 anos, que está no G4, a Malu, e o Luca, que está no G2. Mari estudou no Vera, é professora no Vera também e fez o curso de pedagogia no Instituto. Mas olhar os netos estudando aqui me dá uma coisa quentinha, um orgulho, porque o Vera é um projeto que respeito muito! Não é qualquer projeto que tem essa densidade, que dá lugar para a curiosidade das crianças, contempla a diversidade, propõe processos investigativos potentes, respeita a cultura da infância. Meus netos estão podendo viver isso que também tem um pouquinho de mim, essas coisas que foram construídas.

Saí do Vera tendo vivido 2020 com a pandemia, num ritmo acelerado de trabalho, e acho que tinha de dar um respiro, diminuir

um pouco meu ritmo. Tinha a ideia de trabalhar com orientação de famílias. Cheguei a fazer uns atendimentos por um tempo. Quando me aposentei, já estava morando em Cotia por causa da pandemia, e fui buscando um pouco o que ia fazer sentido para mim. Eu já vinha buscando um aprofundamento maior, outros caminhos, e a coisa veio caminhando para chegar num olhar para o mundo. Fala da mesma essência da escola, do cuidar da vida, que acho que permeou sempre meu trabalho com as crianças. Isso sempre deu muito sentido para meu trabalho, e, agora, esse cuidar da vida tem um outro formato. Está aqui dentro de mim e vem se formando, se configurando, o olhar sistêmico para o mundo.

Tenho me debruçado muito nessas constelações sistêmicas familiares. Fala muito sobre poder olhar as relações e o mundo, o que a gente vive, não de um jeito fragmentado, mas dentro de um contexto maior, sistêmico, que fala de tempo e espaço. É um outro jeito de entender esse campo de informações que a gente acessa. Quantas vezes acontecem coisas na vida da gente que falam de coisas que têm a ver com nossos antepassados, que têm a ver com pessoas que estão no nosso sistema familiar, mas que, por um amor cego, carrego comigo sem ter consciência e vou reproduzindo uma série de coisas? Tenho estudado muito Bert Hellinger, que fala das leis do amor, do

sistema. E que leis são essas? E como é que essas coisas funcionam? Quando você vai se aprofundando, vai fazendo sentido! Você vai enxergando as coisas de outro jeito e, para mim, tem feito um sentido muito encantador. Isso tem me mobilizado muito e feito muito sentido na minha vida.



Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

